

A Inocência do livro e a do filme

A cena do idílio, no romance do Visconde de Taunay e no roteiro de Walter Lima Jr.

O romance

- Inocência!... Inocência!... chamou com voz sumida, mas ardente e cheia de súplica.

Ninguém lhe respondeu.

- Inocência, implorou o moço, olhe... abra e tenha pena de mim... Eu morro por sua causa...

Depois de breve tempo, que para Cirino pareceu um século, descerrou-se a medo a janela, e apareceu a moça toda assustada, sem saber por que razão ali estava nem explicar tudo aquilo.

Parecia-lhe um sonho.

Quis, entretanto, dar qualquer desculpa à situação e, fingindo-se admirada, perguntou muito baixinho e a balbuciar:

- Que vem... mecê... fazer aqui?... já... estou boa.

Da parte de fora, agarrou-lhe Cirino nas mãos.

- Oh! disse ele com fogo, doente estou eu agora... Sou eu que vou morrer... porque você me enfeitou, e não acho remédio para o meu mal.

- Eu... não, protestou Inocência.

- Sim... você que é uma mulher como nunca vi... Seus olhos me queimaram... Sinto fogo dentro de mim... Já não vivo... o que só quero é vê-la... é amá-la, não conheço mais o que seja sono e, nesta semana, fiquei mais velho do que em muitos anos havia de ficar... E tudo, por que, Inocência?

- Eu não sei, não, respondeu a pobrezinha com ingenuidade.

- Porque eu amo... amo-a, e sofro como um louco... como um perdido...

- Ué, exclamou ela, pois amor é sofrimento?

- Amor é sofrimento, quando a gente não sabe se a paixão é aceita, quando se não vê quem se adora: amor é céu, quando se está como eu agora estou.

- E quando a gente está longe, perguntou ela, que se sente?...

- Sente-se uma dor, cá dentro, que parece que se vai morrer. Tudo causa desgosto: só se pensa na pessoa a quem se quer, a todas as horas do dia e da noite, no sono, na reza, quando se pede a Nossa Senhora, sempre ela, ela, ela!... o bem amado... e...

- Oh! interrompeu a sertaneja com singeleza, então eu amo...

- Você? indagou Cirino sofregamente.

- Se é como... mecê diz...

- É... é... eu lhe juro!...

- Então... eu amo, confirmou Inocência.

- E a quem?... Diga: a quem?

Houve uma pausa, e a custo retrucou ela ladeando a questão:

- A quem me ama.

- Ah! exclamou o jovem, então é a mim... é a mim, com certeza, porque ninguém neste mundo, ninguém, ouviu? é capaz de amá-la como eu... Nem seu pai... nem sua mãe, se viva fosse... deixe falar seu coração... Se quer verme fora deste mundo... diga que não sou eu, diga!...

- E como ia mecê morrer? atalhou ela com receio.

- Não falta pau para me enforcar, nem água para me afogar.

- Deus nos livre! não fale nisso... Mas por que é que mecê gosta tanto de mim? Mecê não é meu parente, nem primo, longe que seja, nem conhecido sequer... Eu *lhe* vi apenas pouco tempo... e tanto se agradou de mim?

- E com você... não sucede o mesmo? perguntou Cirino.

- Comigo?

- Sim, com você... Por que é que está acordada a estas horas? Por que é que não pode dormir?... que a cama lhe parece um braseiro, como a mim também parece?... Por que pensa em alguém a todo o instante? Entretanto, esse alguém não é primo seu, longe que seja, nem conhecido sequer!

- É verdade, confessou Inocência com doce candura. Depois quis emendar a mão:

- Mas, quem lhe disse que vivo pensando em mecê?

- Inocência, implorou o moço, não queira negar, vejo que sou amado.

- Sempre amar! observou ela, mais para si do que para quem a ouvia. No ano que já passou e por ocasião de Sra. Sant'Anna, aqui vieram umas parentas minhas e caçoaram comigo, porque eu não as entendia: tanto assim que uma delas, a Nhã Tuca, me disse: "Deveras, mecê ainda não gostou de nenhum moço? E eu respondi: Não *assunto* o que mecês estão a *prosear*". Aquilo era certo, e tão verdade co-



Ilustração de F. Richter. Vigésima terceira edição brasileira de Inocência, 1942.

mo estar nosso Deus no paraíso... Hoje...

- E hoje?

- Hoje? repetiu a moça. Quem sabe se não era *bem melhor* não ter nunca gostado de ninguém?

- Isso não está na gente... É ordem lá de cima...

- Enfim, se for destino, que se cumpra.

Conservava-se Inocência ainda um pouco arredada da janela, de modo que Cirino, para lhe falar baixinho, tinha o corpo inclinado do lado de dentro. Segurava as mãos da namorada e puxava-a com doce violência, quando mostrava querer afastar-se.

Era o ardente colóquio dos dois cortado de frequentes pausas, durante as quais se embebiavam recíprocos os olhares carregados de paixão.

- Deixa-me ver bem o teu rosto, dizia Cirino a Inocência. Para mim, é muito mais belo que a lua e tem mais brilho que o sol.

E, apesar de alguma resistência, fraca embora, mas conscienciosa, que lhe foi oposta, conseguiu que a formosa rapariga se recostasse ao peitoril da janela.

- Amar, observou ela, deve ser cousa bem feia.

- Por quê?

- Porque estou aqui e sinto tanto fogo no rosto!... Cá dentro me diz um palpito que é pecado mortal que faço...

- Você tão pura! contestou Cirino.

- Se alguém viesse agora e nos visse, eu morria de vergonha. Sr. Cirino, deixe-me... vá-se embora!... O Sr. me atirou algum quebranto... aquela sua mezinha tinha alguma erva para *mim* tomar... e me virar o juízo...

- Não, atalhou o mancebo com força, eu lhe juro! Pela alma de minha mãe... o remédio não tinha nada!

- Então por que fiquei... *ansim*, que me não conheço mais?... Se papai aparecesse... não tinha o direito de me matar?...

Foi-se-lhe a voz tornando cada vez mais baixa e sumiu-se num golfão de lágrimas.

Atirou-se Cirino de joelhos diante dela.

- Inocência, exclamou, pela salvação de minha alma lhe dou juramento: nada de mau fiz para prender o seu coração... Se você me quer, é porque Deus assim mandou... Sou um rapaz de bons costumes... Até hoje nunca tinha amado mulher alguma... mas não sei como deixar de amar uma moça como você... Perdoe-me; se você sofre... eu também padeço muito... Perdoe-me...

Alçara o mancebo um pouco a voz.

De repente Inocência estremeceu.

- Não ouviu ruído? perguntou ela com terror.

- Não, respondeu Cirino.

- Alguém acordou lá dentro...

- Pois... então vá ver... o que é... e se não for nada, volte... Aqui a espero, escondido à sombra da parede...

Minutos depois, reapareceu a moça.

- Não vi nada, disse.

- Então foi abuso.

- É melhor que o Sr. se vá embora.

- Não, Inocência, tenha pena de mim... Eu não poderei vê-la tão cedo e... preciso conversar... mesmo para arranjo da nossa vida... O Manecão não tarda...

- Ah! exclamou ela com sobressalto, então mecê sabe...

- Sei; e desgraçadamente, breve está ele batendo aqui...

- Eu bem dizia que o Sr. me *havêra* de perder... Antes de o ter visto... casar com aquele homem, me agradava até... Era uma novidade... porque ele me disse que me levava para a vila... Mas agora esta idéia me mete horror! Por que é que mecê mexeu comigo? Sou uma pobre menina, que não tem mãe desde criancinha... Não há tanta moça nas cidades... nos *povoados*?... Por que veio tirar o sono... a vontade de viver a quem era... tão alegre... que até hoje não pensou em maldade... e nunca fez dano a ninguém?

- E eu? replicou com energia Cirino, pensa então que sou feliz?... Olhe bem uma cousa Inocência: digo-lhe isto diante de Deus: ou hei de casar com você... ou dou cabo da vida... quem arranjou tudo assim... foi o meu caiporismo... Se eu tivesse passado aqui antes daquele homem, que odeio, que quisera matar... nada impediria que eu fosse hoje o ente mais feliz do mundo!... Mais feliz aqui neste sertão, do que o Imperador nos seus paços lá na corte do Rio de Janeiro! Eu já lhe disse... culpa não tive...

- Não há nada que nos possa salvar, atalhou a moça.

- Nada?... Talvez...

Soou nesse momento, e repentinamente, do lado do laranjal um assobio prolongado, agudíssimo, e uma pedra, arremessada por mão misteriosa e com muita força, sibilou nos ares e veio bater na parede com surda pancada, passando rente à cabeça de Cirino.

Deu Inocência abafado grito de terror e fechou rapidamente a janela.

(Visconde de Taunay, *Inocência*. Edições Melhoramentos, 23ª edição, p. 155-161)

O roteiro

- 344 - MSpan - Ext. Enlugarado - Cirino perscruta as redondezas, para assegurar-se de que ninguém o pode surpreender e se envereda em direção aos fundos da casa.
- 345 - PM (prof. foco) Cirino à distância observa luz que se acende no quarto de Inocência. Toma o rumo da janela.
- 346 - MSpan - Cirino se aproxima da janela.
- 347 - CS - Cirino bate levemente, chamando baixinho.
- Inocência... Sou eu, Inocência...
- 348 - CLUpan - Interior do quarto às escuras. Inocência chega à janela. Volta o olhar medroso para o lado onde dorme o anão. Inocência atravessa o corredor.
- 349 - CS - Tico dorme como uma pedra...
- 350 - CLU - Inocência chega o rosto junto das tábuas da janela e ouve a voz de Cirino, suplicante.
- Abra, Inocência... Não tenha medo... abra... eu morro por sua causa... tenha pena de mim...
- 351 - CLU de Inocência que resiste até um certo ponto.
- 352 - CLU de mão de Inocência abrindo a janela.
INOCÊNCIA (balbuciante)
- Que vem... mecê... fazer aqui?... já... estou boa.
- 353 - PM de Cirino que pega a mão de Inocência.
CIRINO (ansioso)
- Doente estou eu agora... sou eu que vou morrer... porque você me enfeitiçou, e não acho remédio para o meu mal.
INOCÊNCIA (protestando)
- Eu não!
- 354 - PM de Cirino, apaixonado.
CIRINO
- Nunca vi uma mulher como você... seus olhos me queimaram... sinto fogo dentro de mim... Já não vivo, não sei mais o que é sono e, nesta semana, fiquei mais velho do que em muitos anos havia de ficar... E tudo, por quê, Inocência?
INOCÊNCIA (ingênua)
- Sei não...
CIRINO
- Porque eu amo... amo-a e sofro como um louco... como um perdido...

INOCÊNCIA

- Ué... pois amor é sofrimento?

CIRINO

- Amor é sofrimento, quando a gente não sabe se a paixão é aceita, quando a gente não vê a quem adora. Amor é céu, quando se está como eu agora estou.

INOCÊNCIA

- E quando a gente está longe? Que se sente?

CIRINO

- Uma dor, cá dentro, que parece que se vai morrer... Tudo causa desgosto: só se pensa na pessoa a quem se quer, a todas horas do dia e da noite, no sono, na reza, sempre...

INOCÊNCIA (singela)

- Oh... então eu amo...

CIRINO (sôfrego)

- Você?

INOCÊNCIA

- Se é como mecê diz...

CIRINO

- É... É... eu lhe juro!...

INOCÊNCIA

- Então... eu amo.

CIRINO

- E a quem?... diga: a quem?

INOCÊNCIA (achando que contorna a situação)

- A quem me ama.

CIRINO (apaixonado)

- Ah! então é a mim... é a mim, com certeza, porque ninguém neste mundo, ninguém, ouviu? é capaz de amá-la como eu... nem seu pai... nem sua mãe, se viva fosse... Vem... eu te espero cá fora.

Inocência fecha a janela.

355 - O anão acorda e procura Inocência no quarto.

356 - CM de Inocência.

CIRINO

- Pegue o chale... vem... precisamos conversar... eu te aguardo na roda d'água. Inocência hesita mas, afinal, deixa-se dominar. Afasta-se para pegar o chale e sair.